



CENTENÁRIO DO PAI AMÉRICO EM LISBOA

«Não peço dignidades à Igreja nem comendas ao Estado nem ao mundo opinião; maldito seja quem procura agradar. Não peço, que a promessa divina me basta.» (Pai Américo)

Com o Coliseu a abarrotar de gente, decorreu, no passado dia 8, a sessão comemorativa do Centenário do nascimento de Pai Américo, organizada pelas Igrejas Diocesanas de Lisboa e de Setúbal. Os ecos que nos chegam, oriundos dos mais variados quadrantes, atestam do alto significado do acontecimento. Nas palavras finais do Senhor Patriarca se sintetiza maravilhosamente o propósito da reunião: «O Centenário do nascimento do Padre Américo é ocasião oportuna para novas e renovadas epopeias de caridade fraterna. Por isso, continua aberta esta sessão comemorativa. É dever de cada um de nós prolongá-la dentro das comunidades cris-

tãs a que pertencemos e levá-la até às praças e ruas das nossas cidades».

Noutros locais encontrarão os Leitores referências pormenorizadas sobre o programa levado a cabo. Seja-nos permitido, porém, dizer que, empurrados para dar um testemunho como padre da rua, o fizemos com muita emoção, nervosamente, mas com toda a força da alma, como que reencontrando pessoas e lugares, acontecimentos e lutas, altos e baixos duma vida inteira, aliás já na sua fase decrescente. Diríamos que, em simples *flashs*, pretendemos dar uma

ideia, ainda que sucinta, embora não tão breve como desejaríamos, do nosso «encontro» com Pai Américo. Que nos perdoem os nossos Amigos, pois, se Pai Américo se admirava muitas vezes de ser Padre — o que diremos nós?!

A todos, Senhores Bispos, Padres, Religiosos e Religiosas, Leigos, Jovens e Adultos, o nosso sentido bem-hajam. A

sessão do dia 8 é, como bem disse Sua Eminência, «daquelas que não devem ter palavra de encerramento». Vamos, portanto, continuar a amar, em obras e verdade, os nossos Irmãos mais carecidos, os Pobres que Pai Américo procurou servir.

Padre Luiz

OS POBRES SÃO CANDEEIROS DA LUZ DIVINA

No início desta Quaresma, a Igreja Católica de Setúbal e Lisboa quis unir-se de forma significativa às celebrações do Centenário do Padre Américo.

Foi uma forma evangélica de chamar a atenção dos cristãos para o seu compromisso batismal de viver a fé em plenitude e de a proclamar com argumentos irrefutáveis, neste mundo sem Deus e sem humanidade; que nos trouxe, à Obra da Rua e à Igreja, uma visão mais clara da vasta responsabilidade que sobre ambas impende.

Temos de gritar com toda a força da nossa alma a desgraça dos irmãos mais pobres.

Chorar com o empenhamento total das nossas forças, da nossa inteligência, do nosso coração, da nossa fé e do nosso ser. Berrar totalmente empenhados até ao desgaste final da nossa vida, sem nos importarmos com o que outros possam pensar, dizer ou escrever.

A Figura Profética do Padre Américo assenta essencialmente nas obras que realizou, na palavra iluminada que dele fluía em fidelidade radical à sua fé e à missão que esta lhe apontava. Não viveu de mais nada, não pregou mais nada nem quis saber de mais nada

Cont. na 3.ª pág.



Na vasta sala do Coliseu dos Recreios, em Lisboa, milhares de Amigos recordam «a extraordinária figura do Padre Américo, no Centenário do seu nascimento. Ela merece ser evocada» — acentua o Cardeal Patriarca.

Palavra do Cardeal Patriarca

1. A nossa sessão de hoje é daquelas que não devem ter palavra de encerramento. Tentar dizê-la, assemelhar-se-ia a pôr ponto final numa iniciativa que todos desejamos ver continuada.

Ao vir aqui, quisemos certamente recordar a extraordinária figura do Padre Américo, no Centenário do seu nascimento. Ela merece ser evocada. E que bem sobressaía essa sim-

gular personalidade, em tudo quanto vimos e ouvimos!

A muitos de nós já não coube a dita de conhecermos pessoalmente o Fundador da Obra da Rua, aquele padre que Portugal inteiro admirou e quase venerou, por meados do século. Mas estou seguro de que todos sairemos desta sala persuadidos de que ele passou hoje pelo meio de nós: esteve

connosco e foi-nos dado vê-lo e ouvi-lo.

Trouxeram-no a este palco os testemunhos, tão vivos e presenciais, de padres e de leigos; os depoimentos, tão convincentes, de velhos e de novos gaiatos; e ainda a actuação notável dos rapazes das Casas do Tojal e de Alêguz, que nos encantaram com a sua

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

PEDIDOS — É sempre difícil tratar este tema! Mas aqui vai:

Em relação ao torneio que iremos realizar entre as Casas do Gaiato, temos dificuldades na obtenção de equipamento e chuteiras. E sapatinhas para pés grandes e pequenos, que os miúdos também precisam delas para a ginástica.

Deixaria este alerta para quem pudesse concretizar o nosso anseio. Mesmo que seja material já velho; nós, aqui, tornamo-lo novo. Decerto que haverá por aí stoks em fábricas ou armazéns com muitos monos...

Estamos sempre à espera de qualquer grupo que queira vir jogar e conviver connosco... Apareçam! E escrevam com antecedência.

Guido

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Eu quero o meu café», dizia o rapaz. «Minha avó, eu quero o meu café.»

Notei o artigo definido que o rapaz emprega; ele queria dizer a sua refeição matinal.» (Pai Américo in Barredo)

Era assim, então; e foi assim,

agora: Adelaide encontrou uma mãe de seis filhos, todos eles raquíticos, rodeando a mãe. O mais pequeno puxava a saia e pedia baixinho: — Quero pão.

— Já comeste!, foi a resposta.

A vicentina pôde verificar que a refeição da manhã e do almoço foi um prato de sopa aquecida, que uma senhora lhe deu no dia anterior. Para a noite era a mesma sopa e um bocadito de arroz aquecido. Pão? Nem vê-lo!

Na reunião, ao dar conta da visita, as lágrimas correram-lhe pela face; o silêncio que se seguiu foi arripante.

Hoje, os meninos já comem pão e bebem leite. Não é muito; gostaríamos de poder dar mais. E se não fosse a ajuda duma alma grande, de V. N. de Gaia, que sente as dificuldades dos nossos irmãos mais necessitados, não poderíamos dar, todos os dias, o pãozinho e o leite de que tanto carecem.

Tudo fazemos para pôr em prática os ensinamentos de Pai Américo. Os nossos padres são exemplos vivos dessa doutrina e não se cansam de nos recomendar que não descuremos os filhos dos nossos Pobres.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Mais uma migalhinha para a Conferência, de J. R. D. Dum anónimo, 1.000\$00. Do assinante 22807, 1.000\$00. Da assinante 10.068 que não se esquece dos mais necessitados. Mais um cheque de 1.000\$00,

entregue na nossa Casa do Gaiato de Lisboa, para a Conferência do Lar do Porto. 10.000\$00, da assinante 28802.

Bem hajam todos pela ajuda que nos dão.

José Alves

Paço de Sousa

AGROPECUÁRIA — Na vacaria há mais três habitantes. Nasceram três vitelos nas últimas semanas. Isto quer dizer que os vaqueiros terão um pouco mais de trabalho para que os vitelos cresçam fortes e saudáveis.

As árvores de fruto, espalhadas pela nossa quinta, estão floridas. Lembram as amendoeiras em flor!

TIPOGRAFIA — Começaram as obras para a construção do novo edifício da tipografia! O prédio aonde está instalada, fora planeado para todas as oficinas. Por isso, sem condições para o melhor rendimento, tanto da produção como da formação profissional dos rapazes.

DESPORTO — Já há muito tempo que não jogávamos fora do nosso campo! O mês passado disputámos um encontro, em Bitarães, com a equipa local, o Luso de Bitarães.

O adversário esmagou-nos com um esclarecedor 6-0! Este resultado expressa bem como a nossa equipa não tem a calma e a experiência suficientes para realizar bons jogos fora do nosso terreno.

Aproveitamos esta oportunidade para convidar, mais uma vez, as colectividades desportivas para virem jogar connosco.

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Uma cruz dolorosa no reino dos Pobres: a doença. Sobretudo entre os que podemos considerar *novos Pobres*, pela própria doença, pelo desemprego...

E quando acontece estenderem-se as enfermidades do casal aos filhos!?

Não é fácil avaliar a cruz dolorosa desta gente, fora do seu ambiente, das paredes de sua casa — que vegeta na pobreza absoluta por falta de saúde, mesmo com roupa habitual aos olhos do vizinho... A decência é natural em pessoas normais.

— *Vejam se me podem atender, ó menos a metade dos remédios...*

Era trabalhador, no Porto. Todos os dias, manhãzinha, seguia no comboio para o trabalho e regressava noite dentro.

A empresa falia. Os últimos salários ficaram por lá. Se já trabalhava com dificuldade, o desemprego acelera a doença — dele e da própria mulher.

— *A gente mal tem pra comer, muito menos prós remédios. É uma vida muito dura!*

O calvário dos Pobres, à semelhança do Calvário de Jesus!

PARTILHA — Assinante 36082, do Porto, um cheque «para os nossos irmãos mais necessitados e pela intenção de que o casamento de minha filha seja bem sucedido». É Mãe!

Presença habitual, do assinante 9790 «por uma intenção particular». O assinante 12109 diz que «há uma imensidade de tempo não contactava» connosco, «mas a vida é como os alcatruzes...» Outro cheque, do assinante 11040. «A migalhinha», de «uma portuense qualquer»: 2.500\$00. Quatro mil escudos, de «uma alentejana». O costume, de «uma assinante de Paço de Arcos». E mais... — que revelaremos na próxima edição.

Júlio Mendes

Tojal

FESTAS — No próximo dia 26 de Abril realizaremos a nossa Festa anual, inserida nas comemorações do Centenário do nascimento de Pai

Américo, no Cinema Império em Lisboa. Os bilhetes já estão à venda nos locais indicados noutra secção. Mas a sua preparação levanta preocupações que esperamos resolver com a ajuda dos nossos leitores. A senhora responsável solicita agulhas de máquina e dedais, meias beges e de cor- (podem ser mesmo velhas), lenços encarnados, azuis e verdes, sapatos pequenos (até aos seis anos) e, para os grandes, grandes números: 41, 42, 43...

AGRADECIMENTO — Chegaram tantas migalhas para a aquisição das colchas para os pequeninos! É uma senhora do Porto. É uma de Lisboa. São dez colchas e mais uma mantinha para as camas dos mais pequeninos. São os jovens de uma escola que contribuem, também. É uma professora que organiza a campanha «colchas para as camas dos gaiatos». Deixaram no Castelo de S. Jorge duas caixas com cobertas...

Palavras? Não dizem tudo. Mais do que elas importa a certeza de que tudo está nas mãos de Deus.

José Manuel dos Anjos Nunes

Ser Pobre!

É ter o pão de cada dia. É fazer com que todos tenham o pão de cada dia. É ter casa para viver em família. É estar seguro de que o pão não falta porque o que tem é repartido para que todos possam ter.

É dar tudo para ter tudo e nada perder. «Aquilo que guardamos para nós, acabamos perdendo um dia; aquilo que damos, conservamos para sempre.» Se alguém não tem, é porque há quem não dê. É a falta de Justiça. O medo de dar nasce do medo de perder. Falta o Amor.

Quanto mais Pobre se é, mais se tem para dar. A fortuna é a segurança de cada um, na medida em que faz a segurança dos Outros. O nosso mundo, o que está pertinho de nós, e o que está mais longe de nós precisamos dos Pobres como necessidade vital.

A alegria de viver nasce desta atitude interior. Aquela mãe com nove ou dez filhos ressuscitou ao ver a sua casa a crescer e já vai saboreando a sorte dos seus, acomodados em boas condições: Os filhos no seu quarto; as filhas no seu; e ela e o marido também no seu. A chuva e o frio já não incomodam tanto. E quando chegar ao fim, todos serão mais felizes. Quem deu e quem recebeu. Quem fez Justiça e viveu o Amor. Obra de Pobres!

Ah, se houvesse a decisão de dar o passo do desprendimento do que está amontoado! Se o pôr e sobrepor fosse substituído pelo pôr e tirar, a revolução estava feita. Mas não chegou ainda a hora de todos

acordarmos. Já são tantos! A decisão é de multidões! O fogo não pode extinguir-se. Mais e mais e sempre mais. Não há outro processo. É no coração de cada um que se joga a vida ou a morte de famílias inteiras; de filhos que se salvam ou morrem; de jovens que fazem ou não o seu, o nosso mundo mais humano.

É tão interessante a abertura que vamos descobrindo! Jovens, rapazes e raparigas que se interrogam. Quem sabe? Experiências que vão fazendo e os levam à procura de uma resposta para a inquietação nascida no seu íntimo. É fermento. São minoria; não importa. Alguém os inquieta. O Espírito do Senhor Jesus sacode-os e dá-lhes a resposta que procuram. A hora chegará e já chegou para muitos. É a hora dos corações de Pobre. Que cheguem a todos os sítios!

Passou por nós, há dias, e deixou 700 mil. Não é rico. Fez-se Pobre. O Reino é a força de Deus que irrompe nos corações e os transforma e marca um novo rumo na vida — o caminho dos homens que se fazem irmãos. Os caminhos de Deus passam por aqui necessariamente. Por isso são felizes os de coração pobre. Não querem que lhes agradeça. Põem-se no lugar do devedor. Que graça! Que dom! São invadidos de júbilo, porque a salvação chegou, colocando-se ao lado dos Outros. Não temem perder. São estes que levantam o mundo!

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

— Há Festas!, foi a voz alegre que se ouviu de todo o grupo quando safu do primeiro ensaio. E esta mesma voz

FESTAS

SETÚBAL

28 de Março, QUINTA DO ANJO

5 de Abril, Humanitária de PALMELA

8 de Maio, Luísa Tody, SETÚBAL

LISBOA

26 de Abril, 11 h. da manhã, Cinema IMPÉRIO. Bilhetes à venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, tel. 361406; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c -Dto. tel. 666333; Maison Louvre, Rossio, 106, tel. 328619; Montepio Geral, R. do Carmo, 62-2.º, tel. 372162; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13, tel. 861939.

tenho-a escutado por muitos telefonemas, por cartas e em muitos encontros. Há Festas na zona Centro!

Foi muito consolador o acolhimento que nos deram os donos das casas onde vamos encontrar-nos em Festa. Alegria e sorriso nos braços abertos. Todas as portas abertas!

Comçaremos no dia 1 de Maio, no Salão dos Bombeiros, em Miranda do Corvo. É Festa para os da Casa e para os vizinhos.

Dia 2 de Maio, estaremos em Coimbra. Este ano, no Teatro Gil Vicente. Será à tarde e à noite.

Dia 3, no Casino da Figueira da Foz.

Dia 8, dobraremos a serra e iremos encontrar-nos no Fundão. Dia 9, estaremos à tarde e à noite na Covilhã. Dia 10, em Castelo Branco.

Voltaremos para Casa e dia 14 será em Leiria, dia 16 em Mira, dia 20 em Anadia e 22 em Tomar.

Nas outras terras, diremos na próxima edição.

Procuraremos todos que sejam convívios muito familiares com Pai Américo e sua Obra.

Padre Horácio

CENTENÁRIO DO PAI AMÉRICO EM LISBOA

Palavra do Cardeal Patriarca

Cont. da 1.ª pág.

arte. Trouxe-o aqui, sobretudo, a maravilhosa conferência do Senhor Prof. Henrique Martins de Carvalho que, ao oferecer-nos um retrato de corpo inteiro do Padre Américo, nos deu também a sua própria imagem de intelectual cristão e, conseqüentemente, de cidadão preocupado com os problemas sociais do País. Bem haja, Senhor Professor, pela bela e substancial lição que nos ofereceu!

Em nome das dioceses de Setúbal e de Lisboa, agradeço a todas as pessoas e entidades que, com o seu trabalho, concorreram para o êxito da presente sessão. Quero agradecer, de modo particular, à comissão organizadora, formada pelas Caritas Diocesanas de Lisboa e de Setúbal e pelos responsáveis das Casas do Gaiato das duas dioceses. Deixo ainda uma palavra de profunda gratidão à gerência do Coliseu dos Recreios, cuja amabilidade foi ao ponto de nos ceder gratuitamente a sua casa para a sessão de hoje.

2. Disse, há momentos, que não haveria encerramento. Na verdade, quem como nós se encontrou hoje com o Padre Américo, quem conheceu a sua Obra e o seu carisma, há-de necessariamente sair daqui apaixonado pelo ideal do serviço aos mais pobres e desfavorecidos.

Escreveram os bispos portugueses, em nota pastoral recente, que o Padre Américo encarnou, com generosidade e realismo, o espírito do Evangelho e se tornou sinal do

amor infinito e eficaz de Deus no meio do mundo.

Nós somos filhos do mesmo Evangelho. Necessário é, pois, que saibamos encarná-lo e vivê-lo como o Padre Américo o encarnou e viveu, com generosidade e realismo, com dedicação efectiva à causa sagrada dos Pobres, com palavras e actos de verdadeira fraternidade evangélica. A nossa sociedade portuguesa continua hoje a precisar urgentemente de sinais fortes do amor de Deus, sinais que não se vislumbram na demagogia de tantos jogos políticos, nem na ostentação alardeada por certos dirigentes, nem sequer nas soluções meramente burocráticas com que se tenta responder a alguns problemas sociais graves. Escasseiam sinais do autêntico

amor de Deus e compete aos cristãos — sacerdotes, religiosos e leigos — saber dá-los ao mundo contemporâneo.

A Obra da Rua, nascida do coração apostólico do Padre Américo, constitui indubitavelmente um desses sinais eloquentes. Por isso lhe devemos o nosso apreço e, mais do que isso, a nossa colaboração activa. Deverá encontrar eco em nós o desafio dos bispos portugueses, lançado na já referida nota pastoral: «Desejariamos fazer um apelo, em nome de Deus, dos gaiatos e dos incuráveis do Calvário, a todos os cristãos que podem ainda dispor da sua vida, sejam eles jovens, homens ou mulheres, para que abram os seus corações ao chamamento de Deus para um empenhamento

generoso nesta Obra de serviço aos mais pobres».

Na mensagem da Quaresma deste ano, transcrevi alguns números que dão ideia aproximada da pobreza e da marginalidade social e moral, existentes na área do Patriarcado. Se lhes juntássemos outros dados da diocese de Setúbal, igualmente preocupantes, teríamos um quadro ainda mais escuro e interpelador. São realidades que exigem a intervenção das nossas Igrejas, sob pena de ser inautêntico o testemunho que lhes cabe dar. Não é verdadeira Igreja de Cristo aquela que, sem desculpar o amor por todos, não consagra uma particular solicitude aos mais pobres e desprotegidos.

O Centenário do nascimento do Padre Américo é ocasião oportuna para novas e renovadas epopeias de caridade fraterna. Por isso, continua aberta esta sessão comemorativa. É dever de cada um de nós prolongá-la dentro das comunidades cristãs a que pertencemos e levá-la até às praças e ruas das nossas cidades.



«Quem se encontrou hoje com o Padre Américo, a sua Obra e o seu carisma» — disse o Cardeal Patriarca — «há-de necessariamente sair daqui apaixonado pelo ideal do serviço aos mais pobres e desfavorecidos.»

OS POBRES SÃO CANDEEIROS DA LUZ DIVINA

Cont. da 1.ª pág.

senão somente de Cristo Crucificado no Pobre.

Nunca capitulou diante da miséria, à força de lutar contra ela. Foi contra a esmola na rua que só arruina. Foi contra a barraca promotora de inúmeras desgraças. Combateu os métodos autoritários e despersonalizantes das casas de assistência a menores que destruíam os jovens, a farda, o número, a forma e a vigilância indiscriminada. Aceitou triunfar por métodos mais difíceis, mas bem diferentes, criando Casas de família para os gaiatos, sendo ele Pai e ensinando a sê-lo; construindo e

incentivando tantos párcos à construção de casas para famílias pobres, incapazes de o fazerem; deixando-nos o Calvário — um Lar de família para doentes incuráveis, sem ele.

Nada no Padre Américo foi fracasso porque tudo nele foi Cruz. Como Jesus, amou até ao fim. Apesar de tantos motivos para duvidar e desesperar, continuou amando, dando, consolando, convertendo.

Ao chegar a Casa, de uma reunião que os padres da rua efectuaram, no Tojal, carregada de problemas e incógnitas, a seguir à sessão solene de Lisboa, no Coliseu dos Recreios, esperavam-me dois rapazes, um de quinze e outro de doze anos, ansiosos que os recebesse. Totalmente sós na vida — e sem vida para eles, porque marginalizados.

Nunca andaram na Escola. Sujos e desgredados, não sabiam nem o nome todo nem a idade. Naturais de Setúbal, viviam debaixo de uns plásticos com uma irmã de vinte anos e de nível humano semelhante ao seu.

Dei-lhes comida e agasalho, depois de os atender; e prometi, no dia seguinte, fazer-lhes uma visita. Assim foi.

Para os lados da Venda do Alcaide e já perto de Pinhal

Novo, no meio da mata alta e ramalhuda, avistamos os plásticos e um dos rapazes sentado num tronco seco, a consertar uma velha bicicleta. Era ali, disse-nos o coração e a prática.

Na minha vida tenho encontrado quadros miseráveis de todos os matizes, mas este era

inédito. No meio dos pinheiros frondosos, sem vizinhança nenhuma, durante mais de seis anos, a coberto dos plásticos armados em cabana, habitavam: pai, mãe, filhos, filhas e mais tarde o amante da mãe vivendo da pedincha. Há meses, o amante mais a mãe espancaram o pai. Agora, os dois «amados» maltrataram gravemente uma criança de três anos, filho dela, e fugiram, deixando tudo à deriva.

Trouxe comigo só o rapaziño de doze anos. Nós não fazemos milagres. A Casa do Gaiato não se pode transformar

Cont. na 4.ª pág.

Programa da celebração

Abriu com a magnífica conferência do Prof. Dr. Henrique Martins de Carvalho. Traçou o perfil do homenageado e disse **«não ser possível fazer a História da Igreja em Portugal sem incluir, com destaque, o Padre Américo»**.

Monsenhor Moreira das Neves referiu interessantes encontros com Pai Américo e a recente introdução do processo de beatificação.

Dois gaiatos — Cândido Pereira e Octávio Resende — apresentaram testemunhos pessoais.

Os «Batatinhas», do Tojal e de Setúbal, marcaram presença alegre com suas danças e cantares e receberam muito carinho da plateia.

Padre Luiz testemunhou a sua vida e a dos Padres da Rua.

Que pena o reduzido espaço d'O GAIATO não permitir a publicação de todas as intervenções!

O sr. Cardeal Patriarca disse — muito bem, com oportunidade — o que transcrevemos noutro local.

Em suma, a comemoração do Centenário do nascimento de Pai Américo — em Lisboa, na vasta sala do Coliseu dos Recreios — foi um momento alto para as Dioceses de Lisboa e de Setúbal!

Júlio Mendes



Os «Batatinhas», do Tojal e de Setúbal, marcam presença alegre no palco do Coliseu dos Recreios.

Ano Internacional dos Sem Tecto

Vá lá um número à escala do Mundo, que tenho aqui sob os meus olhos: «Um quarto da população mundial — cerca de mil milhões de pessoas — vive mal alojada ou sem qualquer espécie de abrigo». A informação é colhida de um relatório da Organização Internacional do Trabalho.

Eu tenho sempre receio destes números grandiosos como factor de desmobilização. «Se o mal é tão profundo e tão extenso, que posso fazer eu?» — pode pensar-se. E no entanto é preciso que se saiba e que a partir de tal conhecimento cada um se sinta interpelado a fazer alguma coisa.

A inércia é uma força muito pesada e muito específica porquanto, ao contrário de produ-

zir movimento como é próprio da força em geral, a inércia impede-o ou entrava-o. É uma realidade do mundo físico que os homens encarnam desgraçadamente e que dificulta as relações entre eles e a resolução de problemas que, embora mais a uns, acabam por afectar a todos. A inércia é uma indisposição latente a sacudir do coração do homem como quem se liberta de uma tentação.

Um bilião de pessoas sem tecto são chaga na face da Terra. Quantas serão no nosso país..., no nosso concelho..., na nossa freguesia...? Os números vão perdendo o seu poder assustador e proporcionando-se à capacidade remediante das populações. Se estas

são constituídas por indivíduos inertes — nada feito. Mas se a miséria é olhada e combatida por eles como estado pecaminoso de omissão — que manancial de recursos se não irão descobrir para oferecer ao potencial imanente da Justiça, ela, sim, fonte inesgotável de energia aguardando a determinação dos homens para se tornar em acto útil para eles! Para eles, os que não têm tecto; e para os que tendo, sofrem na alma a carência que aqueles aflige primariamente no corpo.

É esta disponibilidade para a comunhão característica essencial de uma consciência cristã que não sossega por não fazer mal aos outros, mas encontrará a paz somente com o fazer o bem que em circunstâncias

idênticas quereria que lhe fizessem a si.

O problema dos sem tecto — como todos os que respeitam à Justiça Social — passa por este esforço de formação das consciências sem o qual nenhum programa vai longe, venha a motivação de ao pé da porta, venha de países do «terceiro mundo», aos quais os do «primeiro» devem possibilidades de solução.

A vida e obra de Pai Américo fundam-se nestes princípios. O pólo primeiro onde tomou a sua energia realizadora foi sempre a Justiça que clama. O segundo, as consciências que, acordadas, responderam ao clamor e tornaram possível tudo quanto fez.

Não se apoiou em grandes projectos. Não se garantiu por financiamentos importantes. Impelido pela Justiça, agiu e despertou em muitas consciências adormecidas a decisão de agir. Foi a sua «estratégia». E aí esteve a Obra da Rua, os milhares de casas do Património dos Pobres e tantas, ou mais que, em regime de Autoconstrução, se têm erguido.

O pensamento de Pai Américo é que cada comunidade assumia como seus os problemas que nela há e experimente a alegria de uma «riqueza» de que não suspeitava, agora revelada pelo tanto que se andou por esforço próprio. É por aqui que se começa. É assim que se granjeia autoridade para exigir de fora os meios que faltam para a solução total dos problemas: põem, primeiro, os de dentro o que têm de si e de seu.

Julgo que é este o nó a desatar para a libertação das cadeias em que jazem o chamado «terceiro mundo» e os resíduos dele que há em todas as latitudes. A iniciativa tem de partir das comunidades e de in-

clui-las sempre. Mas não são os mais caídos delas os capazes de a tomar. Têm de ser os membros mais válidos da comunidade a sentir a urgência e a determinar-se à acção, pela qual e durante a qual, os mais caídos se vão levantando. Esta foi uma lição que também D. Hélder Câmara nos deixou na sua recente passagem entre nós.

O Património dos Pobres, a Autoconstrução valem não só pelo que vêm construindo, mas, mais ainda, como exemplo de uma «filosofia» que, devidamente compreendida e acarinhada, poderia remediar na origem males que, a não o serem, vão reproduzir-se ampliados nas grandes urbes onde é também maior a dificuldade de os curar.

No pensamento de Pai Américo está sempre subjacente a parábola das varas: em feixe é impossível parti-las; uma a uma, é tão fácil! Que se não deixe avolumar os problemas. Enquanto pequeninos, bastam soluções pequeninas. E é justamente este valor real dos pequeninos recursos, a tese de que a Obra feita é demonstração.

Nem admira que assim seja! Pai Américo pensou sempre a partir do Evangelho, em sintonia com Ele. E o Evangelho é a condenação da soberba e da auto-suficiência dos poderosos e a exaltação do que é pequeno e frágil aos olhos do homem.

O Evangelho não tem programas concretos para resolver os problemas dos sem tecto, nem de outros que ferem as comunidades humanas. Mas contém os princípios da formação de consciências cristãs, que são por natureza consciências sociais. E isto é o princípio.

Padre Carlos

CENTENÁRIO DO PAI AMÉRICO EM LISBOA



Monsenhor Moreira das Neves testemunha encontros com Pai Américo — «um dos maiores portugueses de todos os tempos».

Os Pobres são candeieiros da Luz divina

Cont. da 3.ª pág.

mar em Mitra e não tem capacidade para ser um banco de



O Prof. Dr. Henrique Martins de Carvalho traça um retrato de corpo inteiro do Padre Américo

urgências. Para o de quinze anos vou ver se encontro uma casa de lavoura que lhe dê gado para ele guardar e aconchego que trave a sua degradação. É muito atrasado e não vislumbro outra saída.

A menina de vinte anos não tem ninguém. Na área humana, informa uma senhora das cercanias, ninguém a quer. Não tem hábitos humanos. Não sabe nada. Tem corpo... Meu Deus!... O que mais me dói é o que fica por fazer!... Pecados meus!... Pecados teus!... Pecados de omissão.

O Senhor Cardeal, Patriarca disse, no Coliseu dos Recreios, que «a sociedade portuguesa continua a precisar de sinais de Deus para responder a alguns problemas sociais».

Esses sinais são vidas de **homens e mulheres** que amem a Cruz como Cristo e o Padre Américo. Vidas pobres, radicalmente entregues, totalmente seduzidas

pelo único ideal que enche!... Vidas que venham experimentar que só a Cruz redime e só ela é caminho de ressurreição.

O Senhor Bispo de Setúbal, na celebração das Cinzas, em pontifical comemorativo do Centenário, classificou a Casa do Gaiato como a face jovem da Igreja. Que esta face atraia os jovens cristãos e seja capaz de iluminar a Igreja para que se converta na autêntica Igreja de Jesus Cristo, como acentuou o Senhor Patriarca: «Não é verdadeira Igreja de Cristo aquela que, sem descurar o amor por todos, não consagra uma particular solicitude aos mais pobres e desprotegidos».

O amor por todos só se manifesta, eficazmente, quando a Igreja é solícita para com os Pobres.

Os Pobres e a Pobreza são os únicos candeieiros da Luz divina e o veículo natural revelador do amor de Deus!

Padre Acilio

O aniversário do nosso Jornal

O GALATO fugiu sempre um nadinha à praxe. Mas, agora, entre as mensagens vivas dos nossos Amigos e da Imprensa falada e escrita — que, habitualmente, agradecemos no silêncio do nosso coração — chega esta, da Delegação, no Porto, da Direcção-Geral da Comunicação Social que sai do esquema oficial e diz assim: «Na passagem de mais um aniversário (d'O GALATO)

queiram aceitar o testemunho do maior apreço pela Obra e os desejos de que (...) seja um estímulo para todos quantos, como os jornais, têm por missão unir as pessoas em torno de fortes laços de solidariedade.»

Com simplicidade, eis o caminho trilhado pelo nosso jornal desde o número um.

Júlio Mendes

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel